

## Editorial

Em seu trigésimo quinto número, a Revista *Via Atlântica* traz vinte e dois textos, dos quais dezoito integram o dossiê Antonio Candido: literatura e transformação social, dois integram a seção “Outros Textos” e dois integram a seção de “Resenhas”.

Relativamente ao Dossiê, houve o manifesto desejo de que a *Via Atlântica* 35 fosse a nossa homenagem ao intelectual e professor dedicado que foi Antonio Candido de Mello e Souza. Além da elaboração de uma obra profundamente relevante para o cenário da produção de conhecimento no Brasil, a dimensão de seu trabalho como professor representa uma contribuição ímpar para pensar as questões relativas ao ensino e à produção literária.

Nesse sentido, em seu extenso trabalho junto aos alunos, aos orientandos, aos colegas e na sua produção acadêmica, Antonio Candido esteve profundamente mobilizado na incansável luta para romper os muros (políticos e econômicos) das Universidades brasileiras. Em sua visão de Brasil, o espaço das universidades deveria ampliar, cada vez mais, as oportunidades de acesso a todas as camadas sociais para que a política educacional brasileira, do ensino básico ao superior, fosse amplamente um espaço de construção de conhecimento autônomo e voltado para a verdadeira democratização da sociedade brasileira.

Foi um intelectual, portanto, que soube examinar a hierarquia política e econômica do país, uma hierarquia definida pelo histórico capitalismo dependente que a estrutura e a controla secularmente. Foi também um intelectual capaz de transcender a corriqueira e conservadora compreensão política, histórica, econômica e cultural de um país como o Brasil: propôs, a partir do cotidiano de seu trabalho, o desejo profundo de transformação social.

Aliando tais pressupostos com os que desenvolveria em suas pesquisas de produções literárias do Brasil e do exterior, Antonio Candido tornou-se referência central para diferentes gerações de diversos tempos e espaços sociais. Assim, a vitalidade de suas reflexões e contribuições para o crescimento do conhecimento humano, por intermédio sobretudo da Literatura, permanece notável. Isso é demonstrado pela infinidade de pesquisas cujas hipóteses de trabalho

estabelecem interlocuções com o seu pensamento crítico, ou ainda pelos estudos cujos eixos centrais giram em torno dos pressupostos teóricos e críticos por ele propostos.

Nascido no Rio de Janeiro em 24 de julho de 1918, realizou e concluiu seus estudos secundários em Poços de Caldas, Minas Gerais, seguindo, em 1937, para o curso de Ciências Sociais na recém criada, em 1934, Universidade de São Paulo. Com D. Gilda Rocha de Mello e Souza, colega de revista *Clima* e grande intelectual brasileira, foi casado por sessenta anos. Sua tese de doutorado *Os Parceiros do Rio Bonito*, publicada em 1954, carrega uma densa reflexão acerca dos problemas que afligem o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Traz em suas reflexões teóricas e metodológicas a influência da obra de Karl Marx – como fez questão de declarar nas muitas entrevistas que concedeu. Isso talvez tenha sido um dos fatores que o auxiliou a perceber a importância das necessidades materiais na produção e reprodução da vida humana. Na forma como as diferentes sociedades implementam tais sistemas de produção são engendradas, num processo mútuo e recíproco, diversas concepções filosóficas, religiosas, ideológicas e culturais em sentido amplo. A sensibilidade para a percepção dessa dinâmica histórica constitui um dos alicerces para a densidade contundente e arrebatadora da obra de Antonio Candido.

Ainda de sua biografia, vale lembrar que entre 1958 e 1960 foi professor de literatura na Faculdade de Filosofia de Assis. Em 1961, passou a dar aulas de teoria literária e literatura comparada na USP, onde foi professor e orientou trabalhos até se aposentar, em 1992.

É autor de inúmeros livros, que seguem vivamente até aos nossos dias como referências teóricas, metodológicas e de crítica literária, como o leitor poderá observar a partir dos artigos publicados neste Dossiê da *Via Atlântica*. Podemos contar com a colaboração de uma significativa gama de gerações de pesquisadores que, por meio da leitura crítica de textos literários, constroem uma importante e densa interlocução com a obra de Antonio Candido. Uma interlocução que tem o incentivo de poder contar com um modelo de análise extremamente sofisticado, porém sedimentado em uma prosa límpida e cristalina, no estilo lúcido dos pensadores que efetivamente acreditam na democratização do conhecimento.

Como ele mesmo disse, aos 93 anos de idade, em entrevista ao Brasil de Fato, em 2011:

A minha fórmula é a seguinte: estou interessado em saber como o externo se transformou em interno, como aquilo que é carne de vaca vira croquete. O croquete não é vaca, mas sem a vaca o croquete não existe. Mas o croquete não tem nada a ver com a vaca, só a carne. Mas o externo se transformou em algo que é interno. Aí tenho que estudar o croquete, dizer de onde ele veio.

Este Editorial não estaria completo se não nos lembrássemos de Antonio Candido também pelo viés de suas brincadeiras e da leveza com a qual, em certos momentos, como demonstra o excerto acima, este intelectual soube ensinar como absorver a literatura por completo.

Os artigos deste número da *Via Atlântica* demonstram as várias possibilidades de interlocução estabelecidas com a produção de Antonio Candido. Esperamos que as leitoras e os leitores possam observar o dinamismo das propostas críticas apresentadas e sua relação com o legado deixado pelo crítico. Acreditamos que as autoras e os autores procuraram estabelecer as complexas interações entre texto e contexto, literatura e vida social, resgatando na medida do possível esse arsenal teórico tão importante e imprescindível para a crítica literária brasileira.

Dessa forma, a leitora e o leitor encontrarão reflexões em torno do método crítico de Antonio Candido, no que diz respeito aos textos poéticos a partir de obras como *Na sala de Aula* e *O estudo analítico do poema*, por exemplo, em que se ressalta a importância dada à matéria textual para a análise dos poemas e em cujo modelo o concreto é o ponto de partida. Some-se a esse procedimento a noção de forma poética como reflexão dialética, libertando a poesia de qualquer reducionismo estreito a um jogo de linguagem ou um malabarismo técnico como propõe a interessante leitura apresentada ao longo do artigo.

Também se destaca a abordagem das imbricações entre sociedade e literatura, em que é analisado, por intermédio do romance *O berro do Cordeiro em Nova York*, o fenômeno de internalização de aspectos da dinâmica social na estrutura literária, a partir da alegorização onomínica das relações sociais opressoras. Cabe, assim, construir a análise a partir do processo alegórico-social do nome próprio e seguir na direção das imbricações entre a realidade externa e a própria obra, o que poderia revelar também possibilidades de transformação

social. Vale, portanto, também ressaltar a relevância das propostas metodológicas de Candido que potencializam as investigações em torno da formação de uma tradição feminina vinculada ao surgimento do romance, em que se torne central a discussão sobre o lugar da mulher num contexto editorial de monopólio masculino.

Ressalte-se o pensamento de Candido em relação aos textos literários em contextos de ensino de literatura, em contextos de salas de aulas, no intuito de compreender as complexidades humanas representadas no espaço da literatura e no espaço da prática pedagógica articulada ao papel social de seu público, os futuros professores. Reflexão que também se apresenta no conteúdo de sala de aula do saudoso Prof. Dr. Joaquim Alves de Aguiar, do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP, cujo conteúdo esteve sistematicamente mobilizado em torno do pensamento crítico de Candido, entendido como método de análise literária a partir de suas interfaces com outros campos das Ciências Sociais e Humanas. E essa perspectiva de análise evidencia Antonio Candido como humanista convicto, bem como sua contribuição para a reflexão sobre a leitura literária na sala de aula, em que a literatura tem papel fundamental para a formação humana.

Destaque-se também o artigo em que se desenvolve a hipótese de que o parecer de Antonio Candido sobre o livro *Em câmara lenta* (1977), de Renato Tapajós, tenha sido intencionalmente pensado a partir de um viés exclusivamente estruturalista e não dialético, porque trazia a silenciosa intenção de auxiliar na libertação do escritor, preso durante o regime militar.

Emerge, igualmente, de forma densa, a questão da literatura empenhada, tão fundamental na seara das reflexões de Candido na medida em que a literatura ascende profundamente comprometida com as contradições sociais dentro das quais se organiza. Destaque-se os poemas analisados como “Congresso Internacional do Medo” e “O medo”, de Carlos Drummond de Andrade, e o conto “Tio André”, de Bernardo Kucinski, em que são realizadas aproximações entre texto e contexto.

Bem-vindas, também, são as reflexões mobilizadas em torno das obras *Formação da literatura brasileira*, de Candido e *A formação da literatura angolana*, de Mário António (Angola), evidenciando um percurso de aproximação entre contextos literários distintos em que o trabalho crítico de Antonio Candido destaca-se como modelo metodológico para Mário Antonio. Isso indicaria que esse

último teria se mantido próximo de sua formação inicial, compartilhada com os companheiros da *Mensagem* de Luanda.

Considerando a indagação sobre o que seria um clássico, a partir de Italo Calvino, e tendo por base as observações de Demerval Saviani, em outro artigo emerge a discussão do ensaio “O direito à literatura”, de Antonio Candido, destacando sua importância como um clássico, além de sua relevância para os estudos em “Educação Literária”, a partir das possibilidades de crítica e reinvenção do seminal ensaio. Para tanto, em termos metodológicos, foram considerados dados quanti-qualitativos em que se destaca o significativo número de referências desse ensaio de Candido em artigos, dissertações e teses dedicados à educação literária.

Em relação à obra de Guimarães Rosa, são destacadas as abordagens críticas e pioneiras de Antonio Candido, sobretudo em dois de seus textos sobre Grande sertão: veredas, a saber, “O homem dos avessos” e “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. Embora Antonio Candido seja considerado como o fundador da vertente crítica sócio-histórica da obra do escritor mineiro, são consideradas outras abordagens como a metafísica, a mítica, a linguística, a psicanalítica em cujo horizonte despontam os textos de Antonio Candido. Vale destacar também as reflexões desenvolvidas em torno da descrição fenomenológica de “Esquema de Machado de Assis” e do modo como Antonio Candido leu Machado.

Partindo do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, a malandragem pode ser observada nessa obra como uma prática mediadora da disjunção constitutiva da sociedade brasileira. Há também que se considerar a leitura de *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, em que a análise do processo enunciativo do romance toma por base a ideia de que, ao ser estruturado em termos de contraposições, o romance se torna o princípio formal responsável pelo deslocamento/apontamento de tensionamentos que dinamizam relações de poder encenadas no/pelo romance.

Esperamos, por fim, que os artigos do dossiê da Revista *Via Atlântica* 35, para além da homenagem que pretendem realizar, componham um quadro produtivo em torno de discussões, aproximações e distanciamentos em relação ao trabalho intelectual de Antonio Candido, confirmando, sem dúvida, a vitalidade e a potencialidade de um pensamento profundamente humano e que hoje, mais do que nunca, se revela necessário e fundamental.

Agradecemos, assim, a todas as autoras e autores que participaram deste número, pesquisadoras e pesquisadores que, mobilizados pela Literatura, procuram dar continuidade aos esforços de uma leitura que não apenas interprete mas também transforme, tanto textos quanto contextos.

Na seção “Outros textos”, o primeiro artigo, “O Egito na interface entre o “Diário de Dom Pedro II” e os jornais *Diário do Maranhão* e *Diário do Rio de Janeiro* em 1876 e 1877, de Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University) e Liliane Faria Corrêa Pinto (Universidade Federal do Maranhão), analisa, em perspectiva interdisciplinar, aproximando história e literatura, o diário de viagem de Dom Pedro II ao Egito a partir desses respectivos jornais brasileiros que estão disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O artigo destaca, de maneira interessante e cuidadosa, como a imprensa brasileira observa o Egito no momento da segunda viagem do imperador e a maneira como o próprio Dom Pedro II volta-se para a realidade do Egito e a desenha em seus diários.

O segundo artigo que compõe a seção “Outros textos”, “11½ Teses sobre o Conceito de Literatura-Mundial” de Paulo de Medeiros (Universidade de Warwick), constrói uma reflexão acerca do conceito de Literatura-Mundial, tomando por base a interessante e fundamental ideia de que tal conceito deve ser abordado a partir de uma perspectiva de resistência acionada em relação a uma produção literária inscrita, decisivamente, no sistema capitalista moderno.

Há também que se destacar a seção de “Resenhas”, em que são apresentadas duas importantes e significativas obras: a primeira, do autor paulistano Felipe Franco Munhoz cujo segundo romance, *Identidades*, de 2018, oferece formas outras de contar uma bela história de amor à vida e à arte da escrita, como bem destaca o prof. Jorge Valentim. E, a segunda, o livro *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura e bibliotecas no Brasil* (2014), é organizado pela escritora e militante Cidinha da Silva, em que se apresenta um largo painel das questões étnico-raciais no Brasil e, como destaca o prof. Maurício Silva, é leitura obrigatória para quem quiser se aventurar no intrincado – e valioso! – mundo das letras no contexto das relações étnico-raciais brasileiras.

Os editores do nº 35 da Revista *Via Atlântica* acreditam que as leitoras e os leitores terão em mãos um volume em que, em torno do nome de Antonio Candido e do seu imenso legado, desnuda-se, também, um dos principais ensina-

mentos, a nosso ver, por ele deixado: a cotidiana defesa em favor de nossa mais concreta e real emancipação humana.

Daniel Puglia  
Rejane Vecchia  
Rosangela Sarteschi